

AS MULHERES NAS POESIAS DE GILKA MACHADO E CECÍLIA MEIRELESAlesandra Vieira Mendonça Cesar¹**RESUMO**

O objetivo deste artigo é apresentar a poesia como instrumento eficiente no engajamento da causa feminina, ao revelar os medos e os anseios femininos através de vozes de mulheres que marcaram seus tempos e possibilitaram que o mundo conhecesse a essência do julgado “sexo frágil”. Para tanto foi apresentado um pequeno histórico das ideologias que tentaram sem sucesso calar essas brilhantes poetisas e então por meio da análise de alguns de seus poemas foi possível conhecer e compreender um pouco do mundo feminino em meio a uma sociedade essencialmente patriarcal. Como fundamento, foram utilizadas várias teorias como a do antropólogo Roque de Barros Laraia, Zahidé Lupinacci Muzart e Foucault.

Palavras-chave: Engajamento. Sensualidade. Medo. Gilka Machado. Cecília Meireles.

ABSTRACT:

The aim of this article is to present the poetry as an efficient instrument in the engagement of the feminine cause showing the feminine fears and the desires through women voices that matched the times and that make possible that the world knows the essence of those that are considered “weaker sex”. So it was presented a brief historic of the ideologies that tried without success silence those fantastic poets and then through the analysis of some of their poems it was possible to know and understand a little of the women world in a society essentially patriarchal. This

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, sob a orientação do professor Dr. William Valentine Redmond, na área de Literatura brasileira: tradição e ruptura. Professor de Língua Portuguesa do Colégio Militar de Juiz de Fora. Endereço: rua Halfeld, 357/501 – Centro – Juiz de Fora – MG – CEP.: 36010-000 – Tel.: (032) 3215-9977 – e-mail: alesvieira@uol.com.br

research was based on theories of respectable professionals and critics such as Roque de Barros Laraia, Zahidé Lupinacci Muzart e Foucault.

Keywords: Engagement. Sensuality. Fear. Gilka Machado. Cecília Meireles.

Introdução

O foco deste trabalho é expor um breve histórico da condição feminina na literatura e demonstrar através de poesias como de Cecília Benevides de Carvalho Meireles e Gilka da Costa Melo Machado que a literatura feminina é riquíssima e deve receber o seu merecido valor, independente da pretensão de suas obras serem levantar a bandeira feminista ou expor um olhar sobre a condição feminina.

Desde a criação do mundo, vivendo numa sociedade essencialmente patriarcal, as mulheres só vêm recebendo o seu merecido destaque nas mais diversas áreas a partir do movimento feminista das décadas de 60 e 70. O enfoque na mulher, desde então, pretendeu e pretende principalmente destruir os mitos da inferioridade natural, resgatar a história das mulheres, reivindicar a condição não mais de objeto, mas sim de sujeito da investigação da própria história, além de rever, criticamente, o que os homens, até então, tinham escrito a respeito.

Sabe-se que a posição da mulher desde a criação do mundo não é nada confortável. Cabe, portanto, lembrar a imagem da mulher simbolizando o paradoxo: bem e mal, através das primeiras mulheres existentes Eva e Lilith, de acordo com a literatura judaico-cristã e a mitologia. Isso permitirá que entendamos melhor o universo simbólico da mulher em sua vida cotidiana.

O estudo e a análise dos mitos da cultura de um povo revelam o valor simbólico deste, e é através da interpretação da história, existência (origem) do mito de Lilith que será possível entender as suas experiências e relacionamentos. Portanto o conteúdo mítico é arquetípico, inconsciente e coletivo, e fornecerá subsídios para que compreendamos o papel social da mulher, segundo a professora e psicóloga Cátia Cilene Lima Rodrigues.

Lilith, em alguns textos considerados apócrifos, é considerada a primeira mulher de Adão, feita do barro como o mesmo, mas, por recusar-se a permanecer sob as ordens de Adão, rebelou-se e foi expulsa do paraíso. A partir de então transformou-se em serpente, a fim de representar o demônio tentador. Este mito enfatiza, portanto, essa dualidade mulher sensual, prostituta e ludibriosa, porém com a força da autonomia e dignidade, presentes na busca feminina contemporânea por equilíbrio e igualdade sexual e social contra o machismo.

As teorias defendidas pelo antropólogo Roque de Barros Laraia, em seu artigo *Jardim do Éden revisitado* corroboram com as verdades defendidas por Cátia Cilene. Além disso, revela que aquele ser mítico também denominado *Rainha da Noite*, apesar de ser omitido nos textos bíblicos, não desapareceu da tradição oral judaica e representou “a primeira reação feminina ao domínio masculino”.

Já de acordo com os preceitos bíblico-cristãos, Eva, a primeira mulher criada por Deus à Sua imagem e semelhança, a partir da costela de Adão, deveria ser a companheira e a aliada de Adão nos cuidados para com o Éden. Sendo feita da costela, ou seja, da parte central do homem, Eva estaria nas mesmas condições do mesmo, no entanto, devido a sua desobediência, que tentada pela serpente, provou, e seduzindo o homem, convenceu-o a provar do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, e por isso foi condenada à dor e à submissão do homem. Eva possibilitou assim que o mal se instaurasse na humanidade e colocou a mulher numa posição de inferioridade em relação ao homem.

Portanto, já desde os primórdios, ambas mostraram que a mulher deveria ser vista como um ser destinado a permanecer em um papel secundário e a cair na desgraça caso não seguissem os padrões sociais impostos pela sociedade. Sua natureza a condenava. Mas, também, através dessas figuras, pode-se ver o desejo latente feminino de conquistar seu espaço, sua identidade.

Essa busca pela identidade da mulher atravessou anos e apesar do Brasil se apresentar atrasado em relação a Europa, hoje, já há, na literatura, muitos estudos, cursos, teses e trabalhos de pesquisa que mostram que no Brasil do século XIX já havia mulheres que além de donas de casa, eram grandes escritoras e que através de suas obras é possível conhecermos o mundo que as cercava.

De acordo com Zahidé Lupinacci Muzart, é sempre bom lembrar que, no Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível – e até festejada – no primeiro quartel do século XX. No entanto, ainda que singulares e produtivas, as escritoras de antes, sobretudo as do século XIX, foram excluídas dos cânones literários, que, evidentemente, eram elaborados apenas pela crítica e pela historiografia masculinas. No entanto, algumas, apesar de serem poucas, fizeram-se presentes constantemente em periódicos e chegaram, inclusive, a receber críticas elogiosas de seus contemporâneos, como a baiana Adélia Josefina de Castro

Fonseca, em 1866, que teve sua produção literária enaltecida por Machado de Assis em resenha no “Diário do Rio de Janeiro”:

O que nos agrada, sobretudo, é que este livro exprime uma verdadeira individualidade feminina; não há essa pompa afetada, essa falsa imitação dos tons másculos, que algumas escritoras procuram mostrar nas suas obras, como recomendação dos seus talentos.

Segundo Cristiane Costa, Adélia da Fonseca, juntamente com Ana Autran e Nísia Floresta foram as pioneiras das causas que visavam à libertação feminina.

No entanto, várias foram as razões que levaram essas mulheres e suas obras caírem no esquecimento. Talvez uma delas tenha sido o fato de no século XIX não ter sido elaborada nenhuma antologia só de mulheres, apesar de haver alguns estudos e coleções que visavam ao registro das produções das mulheres do referido século. E apesar de algumas, ainda que poucas, antologias tenham existido no século XX, estas não foram o suficiente para evitar que essas vozes se calassem, pois a mudança violenta nos padrões do gosto na época do Modernismo agravou ainda mais a situação. Há de se considerar também que lê-las sem entender o contexto em que viveram e o estilo dominante que lhes influenciaram a produção, fará com que jamais compreendamos as injunções sociais e políticas que sofreram como mulheres. Obras de pioneiras como Maria Firmino dos Reis e Nísia Floresta Brasileira Augusta revelaram com prudentes abordagem e crítica os costumes da época em que viveram.

Havia também um preconceito em relação à própria capacidade de pensar da mulher e chegavam a denegrir a imagem inclusive de musas que inspiravam obras masculinas, como Maria Joaquim Dorotéia de Seixas, a Marília das líras de Gonzaga. Se alguma era elogiada, logo suspeitava-se de ser seu amante.

Maria Angélica Ribeiro, em 1866, no prólogo que fez à peça abolicionista Cancros Sociais, disse o seguinte em forma de protesto:

Sei que uma mulher, especialmente, pobre, não pode elevar-se a certas regiões. O despeito de uns, a intolerância de outros, a injustiça de muitos, e sobretudo, a calúnia sempre ávida de vitimar a fraqueza feminina, cedo ou tarde, com aleives e

injúrias, lá a despenham dessas alturas, se porventura soube atingi-las.

Cumpre-nos obedecer aos homens!

A mulher brasileira, se não quer sujeitar-se aos escárnios dos espirituosos e às censuras mordazes dos sensatos, não tem licença para cultivar o seu espírito fora das raias da música ao piano, e de algumas frases, mais ou menos estropeadas, de línguas estrangeiras! As européias, sim, essas inteligentes e tão talentosas podem estudar e escrever; poetar ou compor dramas e romances; podem satisfazer às ambições da sua alma, ter culto e conquistar renome...

Entre nós, não, que nada disso se pode dar! O que sai de lavra feminina, ou não presta, ou é trabalho de homem. E nesta última suposição, vai uma idéia oculta e desonesta.

Grandes pensadores, escritores e filósofos deixaram registradas suas visões machistas, através de afirmações como a de Kant: “Uma mulher que sabe o grego é tão pouco uma mulher que ela poderia muito portar uma barba.”

A educação patriarcal cerceou, de maneira bárbara, a vida das mulheres e enfraqueceu muitas vocações literárias; Júlia Lopes de Almeida, inclusive com medo de que o próprio pai ficasse sabendo de suas inclinações para as letras, escondia suas produções, uma vez que os escritos femininos eram considerados intrusos, imorais e inconvenientes.

Segundo Zahidé Lupinacci Muzart, com certeza, o século XIX é considerado o século da literatura no mundo, e no Brasil não foi diferente. Os eventos literários, apesar de serem privilégios das classes altas, eram momentos de lazer e cultura dos quais nem as mulheres eram excluída, como leitoras, como ouvintes e como assistentes, nos salões e teatros; mas não como profissionais, seja no Brasil ou até mesma na Europa, ainda que em menos proporção. As mulheres ainda sofriam preconceitos religiosos e sociais e no Brasil, principalmente, a literatura serviu como uma forma de fuga do confinamento em que viviam e poucas, como Nísia Floresta, escreveram suas obras com intenção de publicação.

No Brasil, as poesias, por sua temática nobre, desde que dentro do âmbito dos sentimentos familiares, encontraram um espaço maior do que o romance, apesar da literatura de folhetim ter contribuído para a expansão deste.

E, os jornais e os periódicos femininos que a princípio abordavam assuntos relacionados à vida familiar, foram , gradativamente, tomando outro vulto, com temas feministas relacionados com “direito de voto”, o direito de serem médicas, advogadas, professoras ou seguirem a carreira teatral (que era então considerada caminho para a prostituição). Temas que visavam uma emancipação feminina adquirida pela tríplice educação: física, moral e intelectual.

Realmente, qualquer ruptura com o convencional, ainda que denote uma evolução das maneiras de ver o mundo é difícil e bastante complexa. Mas, graças às célebres mulheres que se despontaram no início do século XX, como Gilka Machado (1893-1980), Cecília Meireles (1901-1964) e outras, germinou a luta pela emancipação sexual, exposição da paixão erótica e a valorização da produção feminina.

Gilka Machado desvelando o lado sensual da mulher

Surge então a poeta simbolista Gilka da Costa Melo Machado (Rio de Janeiro, 1893-1980), uma mulher avançada em relação ao seu tempo. Seus versos expuseram a condição feminina de forma ousada para a época, manifestando o desejo da mulher se libertar dos preconceitos machistas daqueles tempos e que perduram até os dias de hoje. Seus versos foram considerados escandalosos no começo do século XX, por seu marcante erotismo. No entanto, nem a crítica nem o público leitor foram capazes de silenciá-la. Sua originalidade e o fato do seu pioneirismo ao abordar questões consideradas tabus.

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida; a liberdade e o amor;
tentar da glória a etérea e altívola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ela, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor

(...)

(Ser Mulher, p. 56)

Trabalhando com a antítese liberdade e amor, Gilka foi capaz de mostrar que a mulher para se sentir completa, deseja se libertar das amarras em que a sociedade lhe havia imposto:

Seus versos denunciaram a condição desfavorecida da mulher tanto na sociedade como a luta desta para adentrar ao campo da produção literária. Poemas que registraram os anseios femininos na sua plenitude e liberdade, rompendo com os padrões estabelecidos. Assim denunciam os versos a seguir presentes em seu primeiro livro de poemas, *Cristais Partidos*, publicado em 1915:

E que gozo sentir-me em plena liberdade,
longe do julgo atroz dos homens
e da ronda da velha sociedade.

Evidentemente suas poesias escandalosas também foram alvos dos escritores modernistas, como Mário de Andrade (1893-1945). Os poemas audaciosos de Gilka, desafiando a conduta moral de seu tempo, deixaram em pânico os falsos moralistas do início do século e alguns até hoje. Mas isso não impediu que, em 1933, Gilka fosse eleita “A Maior Poetisa do Brasil” em concurso promovido pela revista “O Malho” do Rio de Janeiro, e nem que, em 1979, também recebesse o prêmio “Machado de Assis”, da Academia Brasileira de Letras. Nesse mesmo ano a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro prestou homenagem à mulher brasileira na pessoa de Gilka. Sua poesia escandalizou, mas também encantou:

Teus lábios inquietos
pelo meu corpo
acendiam astros...
e no corpo da mata
os pirilampos
de quando em quando,
insinuavam
fosforescentes carícias...
e o corpo do silêncio estremecia,
(...) (Esboço)

Cabe lembrar que a moral sexual cristã veio historicamente conservando a teoria da negatividade que sentir prazer é proibido e da sexualidade, conforme defende Foucault. A estrutura familiar patriarcal reproduziu essa situação. A mulher deveria ser vista única e exclusivamente como mãe e esposa, ou seja, ser predestinado a ser objeto provedor de prazer, mas jamais sentir prazer.

Falar do prazer e vivê-lo significou compreender o sexo não mais como formar de procriar, e, certamente, uma forma de construir uma identidade, visto que o autoconhecimento possibilita que as pessoas tomem conhecimento da sua condição e não mais vivam subjugadas, mas sim capazes de lutar pelo que anseiam.

Foi essa voz revolucionária e envolvente possibilitou um novo modo de ver a mulher e desta se ver.

Os medos e anseios femininos na voz de Cecília Meireles

Foi também nesse mesmo período que estrelou **Cecília** Benevides de Carvalho **Meireles (Rio de Janeiro, 1901-1964)**, um dos grandes destaques do Modernismo Brasileiro até os dias atuais. É contemporânea de Gilka Machado (1893-1980), de Adalgisa Nery (1905-1980) e da portuguesa Florbela Espanca (1894-1930). Cecília, no entanto, contrariamente à poesia de Florbela, de Gilka e de Adalgisa, nunca teve a pretensão de erguer a bandeira da mulher como sua causa, o que, todavia, não impediu que a sua obra primasse em tudo por aquilo que se entende por feminilidade: pela delicadeza dos temas, pela musicalidade e pelas nuances rítmicas, pela leveza de traços. Isso quer dizer que o olhar sobre a condição feminina esteve ausente em seus versos.

Aprendeu desde criança a lidar com a morte, pois seu pai morreu três meses antes de nascimento da filha. Portanto, desde a mais tenra idade, sua intimidade com a morte possibilitou que docemente aprendesse essas relações entre o efêmero e o eterno, tão presentes em suas poesias.

Poetisa, ensaísta, conferencista, tradutora de grandes escritoras como Virginia Woolf, foi, também, cronista e crítica literária Sua obra encantou assuntos de interesse tanto do público infantil quanto adulto.

Segundo Alessandra Almeida da Rocha, em sua vasta obra “encontramos algumas características de Cecília: o lirismo; a consciência da efemeridade; o tempo das pessoas, das coisas; a solidão, a morte, a melancolia, a tristeza, preocupação com temas universais, reflexão filosófica e musicalidade.”

Mas cabe lembrar que o livro *A Farpa na lira: Cecília Meireles na revolução de 30*, mostra outra face de Cecília, aquela que criticava e lutava ferozmente pelo ensino brasileiro e sua modificação, mostrando assim seu engamento, seu comprometimento social.

Em várias de suas obras como “Retrato”, “Auto-retrato”, “Prisão” e “Cavalgada” visualizamos as inquietações concernentes ao feminismo. Seus poemas mostram as constatações da realidade feminina de seu tempo, que se vê presa aos valores do seu tempo e indissociável ao tempo que não para. *Retrato*, um dos poemas de *Viagem*, é um exemplo dessa filosofia ceciliana:

O que se percebe é que através dos símbolos “retrato”, título do poema, e “espelho”, presente no penúltimo verso, há uma mulher que em busca da sua identidade esboça as inquietudes do universo feminino. É um poema essencialmente psicológico e afetivo que descreve como a passagem da vida, traz consigo a perda de faces, de imagens, enquanto desdobramentos de identidades. Mostrando que a imagem que a poetisa tinha de si está perdida no tempo. Ela já não consegue se encontrar.

No início do texto, o “eu” lírico descreve seu próprio rosto, esse rosto que não reconhece mais como sendo seu: “Eu não tinha este rosto de hoje”, fruto das mudanças profundas pelas quais passara, e expressão “não tinha” denota a passagem do tempo, a transitoriedade da vida. Os versos seguintes intensificam a transparência de melancolia pela qual “eu” lírico; está passando :

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Trata-se de uma mudança tanto na sua personalidade quanto na sua aparência física. O uso seguido da palavra “assim”, repetidas vezes, confere um ritmo lento aos versos, como se a mudança tivesse ocorrida de forma tranqüila e

quase “imperceptível” para o “eu” lírico. Os olhos vazios vistos pelo “eu” lírico, devido aos sofrimentos e experiências vividas. Os olhos refletem assim, o que está se passando dentro do seu coração, espelhando a sua alma.

O uso do elemento coesivo anafórico “nem” faz com que seus versos reiterem a sua negação de percepção de suas gradativas mudanças.

No primeiro verso da segunda estrofe, o “eu” lírico percebe que suas mãos, já não possuem a força de outrora, ou seja, o poder de lutar pela vida, posto que se encontram fracas, paradas, frias e mortas e ela nem tem mais a capacidade de deixar seu coração se envolver, preferindo se calar diante de seus sentimentos.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Mais uma vez o “eu” lírico faz uso da repetição da conjunção “e”, imprimindo lentidão ao ritmo do verso e sugerindo passagem da vida para morte.

O uso da expressão “eu não tinha” anaforicamente, mais uma vez reforça a não consciência dessa passagem de tempo, e mostra-se surpresa com a descoberta das consequências que esse fato traz. O tempo passou, como era de se esperar, já que a transitoriedade da vida é universal, pois acontecerá com todos, mas quando as pessoas se dão conta, ficam atônitas:

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?

O uso do intensificador “tão” demonstra a certeza das mudanças e confere a partir de então um ritmo acelerado ao poema.

Nos últimos dois versos evidencia-se através de metáfora a procura do “eu” lírico pelo momento, pelo lugar em que a juventude foi perdida. O tempo passa e de repente a pessoa se vê mudada tanto física quanto interiormente e deseja ardentemente saber quando e em que momento isso se deu. Mas não é possível encontrar a resposta, nem as reflexões ao se olhar no espelho são capazes de respondê-la

O poeta segue a estrutura de três estrofes e cada uma delas é composta por quatro versos, resquícios da influência simbolista, forma tradicional nunca abandonada por Cecília, bem como o uso da aliteração de /r/, como em “*tão paradas e frias e mortas*”, indicando o grande obstáculo que é a morte.

Nota-se, também, que Cecília Meireles faz uso dos órgãos de sentidos, principalmente a imagem visual que surge com o uso das palavras “rosto”, “calmo”, “triste”, “magro”, “olhos”, “lábio”, “mãos”, “espelho”, “face” e a imagem do paladar e do tato em “amargo”, “força”, “parada”, “fria”, “morta”, sugerindo que o corpo demonstra toda sua tristeza, toda a sua “passagem” desta vida para o desconhecido.

Enfim, a passagem do tempo e tudo o que com ele a vida traz: dores, ressentimentos, fraquezas, são sensações que perturbam o coração de Cecília, mas também o da maioria dos seres humanos.

Mas essa mesma passagem do tempo que traz dissabores, também é capaz de promover um universo de novas conquistas, inclusive para o universo feminino que se descortinou com as conquistas de mulheres guerreiras, das mais variadas áreas, ao longo da história e que se intensificaram a partir do século XX.

No entanto ainda há resquícios de uma sociedade essencialmente patriarcal permanecer ditando a condição da mulher moderna ainda estar encarcerada pelos outros e por si mesma, como no poema “Prisão”, em *Disperso*:

Quatro mil mulheres, no cárcere,
e quatro milhões – e já nem sei a conta,
(...)
Quatro mulheres estão no cárcere.
Apenas quatro.
Uma na cela que dá para o rio,
Outra na cela que dá para o monte,
Outra na cela que dá para a igreja
e a última na do cemitério
ali embaixo.

A luta da mulher pelo seu espaço vem de encontro ao que o passado supostamente lhes “condenou”. Ainda encontramos mulheres cecilianas que estão presas aos seus contextos, aos seus espaços, presas ao modo de vida que as

rodeia, pelo seu tempo, pelos sentimentos alheios ou próprios, em espaços incomunicáveis, impossíveis de serem libertas dentro de si mesmas.

Mas que ainda sim sabem revelar seu lado sensual. Cecília Meireles não só lamentou ou reivindicou a conquista de uma identidade feminina, suas poesias revelam as sensações que um verdadeiro sentimento é capaz de despertar. Em “Cavalgada”, poema pertencente a *Viagem*, Cecília revela a sensação que as mãos do ser amado provoca ao passear pelo corpo da mulher, levando-a a fazer uma viagem fantástica cheia de emoções:

Meu sangue corre como rio
num grande galope,
num ritmo bravio,
para onde acena a tua mão.
(...)
Pelas suas ondas revoltas,
seguem desesperadamente
todas as minhas estrelas soltas,
com máxima cintilação.

Sendo assim tanto Gilka Machado quanto Cecília Meireles foram capazes de entender a alma feminina, e transformar o eu lírico de seus poemas em porta-vozes de mulheres que anseiam por um espaço só seu, pela liberdade de pronunciar suas impressões sobre o fazer poético, sobre o mundo, sobre a mulher, revelando seus anseios, seus sentimentos, suas esperanças.

...Liberdade, essa palavra
que o sonho humano alimenta
que não há ninguém que explique
e ninguém que não entenda...

Cecília Meireles

CONCLUSÃO

A riqueza das produções femininas é tão intensa que, portanto, faz-se muito importante o resgate das mulheres não do século XIX, mas também as do século XX e porque não dos anteriores, uma vez que a partir da análise de suas vidas, de seus contextos, de seus sentimentos é que poder-se-á compreender o quão grandiosas foram as “Nísias Florestas”, as “Cecílias” e as “Gilkas” que fazem nós, mulheres,

compreendermos o nosso espaço literário e conscientiza-nos de que a luta pelo espaço feminino ecoa e que nós, cada vez mais, só conseguiremos conquistar os nossos ideais se nos espelharmos em mulheres visionárias como essas.

Indubitavelmente, “Assim foram passando essas Brasileiras sonhadoras, quase sempre incompreendidas, quase sempre isoladas em si mesmas, fazendo dessa febre de escrever o desabafo dos seus impulsos mais íntimos, das suas aspirações mais ardentes. E aos poucos a sociedade foi compreendendo a missão que cabia às mãos femininas, que podem, além da carícia e da esmola, deixar no mundo a centelha de espírito e da inspiração.” Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, em *Prosadoras e poetisas brasileiras*.

REFERÊNCIA

BARROCCO, Enzo Carlos, **Gilka Macho: a poesia do desejo**. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/biografias/73193>>. Acesso em : 01 Out. 2011.

COELHO, Nelly Novaes, **A Emancipação da mulher e a Imprensa feminina (séc. XIX – séc. XX)**. Disponível em: <http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=119&rv=Literatura>. Acesso em: 01 Out. 2011.

FARRA, Maria Lúcia Dal, **Cecília Meireles: imagens femininas**. Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000200013>. Acesso em 01 Out. 2011.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1; a vontade do saber. 5. ed., trad. Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1984a.

LARAIA, Roque de Barros. **Jardim do Éden revisitado**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100005&script=sci_arttext. Acesso em : 30 Out. 2011.

LIMA, Alessandro. **Lilith, uma mulher que teria sido criada antes de Eva**, disponível em : <<http://www.veritatis.com.br/inicio/espaco-do-leitor/577-lilith-criada-antes-de-eva>>. Acesso em : 30 Out. 2011.

LOWEN, Alexander, **Os olhos são o espelho da alma**. Disponível em : <http://www.latec.ufrj.br/desenvolvimentopes_soal/index.php?option=com_content&view=article&id=52:os-olhos-sao-o-espelho-da-alma&catid=35:artigos&Itemid=100055>. Acesso em : 15 Out. 2011.

MACHADO, Gilka. **Poesias completas**. Rio de Janeiro/Cátedra; Brasília/INL, 1970.

MUZART, Zahidé Lupinacci Muzart, **Escritoras brasileiras do século XIX, Antologia**, Volume I, 2ª edição, editora mulheres, Edurisc, 2000

ROCHA, Alessandra Almeida da, **Análise estilística de alguns poemas de Cecília Meireles**. Disponível em <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/6\(16\)14-25.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/6(16)14-25.html)>. Acesso em : 01 Out. 2011.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. **Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo**. Disponível em: <www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/EST>. Acesso em : 15 Out. 2011.

ROCHA, Alessandra Almeida da Rocha. **Análise estilística de alguns poemas de Cecília Meireiles**. Disponível em : <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/6\(16\)14-25.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/6(16)14-25.html)>. Acesso em : 01 Out. 2011.